

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE: UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO PRODUZIDAS NO INTERIOR DO AMAZONAS

Antonia Fernanda Dutra Pinto, Rozane Alonso Alves

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.10867>

Submetido em: 2024-12-10

Postado em: 2024-12-27 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

ARTIGO

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE: UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO PRODUZIDAS NO INTERIOR DO AMAZONAS

Antonia Fernanda Dutra Pinto¹
Rozane Alonso Alves²

RESUMO: O objetivo deste artigo é apresentar as análises dos dados produzidos para a dissertação de mestrado desenvolvida com a colaboração de seis professoras alfabetizadoras de uma escola da rede estadual de ensino localizada no município de Coari-AM. Ancorada pela pesquisa qualitativa de González Rey (2015), pauta-se na vertente pós-estruturalista e no campo dos Estudos Culturais, que permitem enquanto procedimento de análise atuar nos tensionamentos das narrativas que as professoras propuseram ao falar de suas práticas de alfabetização, os métodos de alfabetização, as estratégias pedagógicas, os recursos didáticos e a formação inicial a partir da entrevista narrativa ressignificada de Andrade (2012). Estar e atuar no campo da pesquisa foram experiências produzidas que potencializaram reflexões sobre os modos de ser e atuar como professora alfabetizadora e por elas ser afetada nesse contexto reflexivo. Como possibilidades conclusivas, destaco a importância de dialogar sobre outros saberes docentes, ressignificar a prática, vivenciar o contexto da pesquisa para descortinar outras experiências e perceber os caminhos percorridos no contexto da alfabetização que se constituíram, não apenas em outros conhecimentos/saberes, mas sobretudo em identidades outras.

Palavras-chave: identidade, saberes docentes, entrevista narrativa, práticas de alfabetização, experiência.

REFLECTIONS ON TEACHING PRACTICE: AN INSIGHT INTO LITERACY PRACTICES DEVELOPED IN THE AMAZON INTERIOR

ABSTRACT: This article presents an analysis of the data produced for a master's thesis conducted with the collaboration of six literacy teachers from a public school in the state education network, located in Coari-AM, Brazil. Anchored in the qualitative research approach of González Rey (2015), the study is framed within a post-structuralist perspective and the field of Cultural Studies. These frameworks enable an analytical focus on the tensions within the narratives proposed by the teachers as they discuss their literacy practices, literacy methods, pedagogical strategies, teaching resources, and initial teacher training, based on Andrade's (2012) redefined narrative interview method. Engaging in the research field proved to be a transformative experience, fostering reflections on the ways of being and acting as a literacy

¹ Mestra em Ensino de Ciências e Humanidades pela Universidade Federal do Amazonas (2024), especialização em Psicopedagogia e Gestão Escolar pela Universidade Estácio de Sá (2011), graduada em Normal Superior pela Universidade do Estado do Amazonas (2005), cursando a segunda licenciatura em Pedagogia pela UNIASSELVI (2024). Professora do Ensino Fundamental I, do quadro efetivo da Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar (SEDUC). Email: fernandadutrapinto20@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2022482869634934> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7171-7012>

² Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Rondônia (2012), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2014) e doutorado em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco (2017). Atualmente é Professora Adjunta no Departamento de Métodos e Técnicas (DMT) na Faculdade de Educação (FACED). Docente Permanente no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades (PPGECH/UFAM). Email: rozanealonso@ufam.edu.br Informações profissionais e acadêmicas no endereço: <http://lattes.cnpq.br/7271103372811887>. <https://orcid.org/0000-0003-1401-5556>.

teacher and on the effects of these reflections within this context. As conclusive possibilities, this study highlights the importance of dialoguing about diverse teaching knowledges, re-signifying practice, experiencing the research context to uncover new experiences, and understanding the pathways taken within the literacy context, which have shaped not only new knowledge but also alternative identities.

Keywords: identity, teaching knowledge, narrative interview, literacy practices, experience.

REFLEXIONES SOBRE LA PRÁCTICA DOCENTE: UNA MIRADA A LAS PRÁCTICAS DE ALFABETIZACIÓN DESARROLLADAS EN EL INTERIOR DEL AMAZONAS

RESUMEN: Este artículo presenta los análisis de los datos producidos para la disertación de maestría desarrollada con la colaboración de seis profesoras alfabetizadoras de una escuela de la red estatal de enseñanza ubicada en el municipio de Coari-AM, Brasil. Basada en la investigación cualitativa de González Rey (2015), se enmarca en la perspectiva posestructuralista y en el campo de los Estudios Culturales. Estos enfoques permiten, como procedimiento de análisis, abordar las tensiones en las narrativas propuestas por las profesoras al hablar sobre sus prácticas de alfabetización, los métodos de alfabetización, las estrategias pedagógicas, los recursos didácticos y la formación inicial, utilizando la entrevista narrativa resignificada de Andrade (2012). Estar y actuar en el campo de investigación fueron experiencias que potenciaron reflexiones sobre los modos de ser y actuar como profesora alfabetizadora y sobre cómo estas reflexiones afectaron a las investigadoras en dicho contexto reflexivo. Como posibilidades conclusivas, se destaca la importancia de dialogar sobre otros saberes docentes, resignificar la práctica, vivir el contexto de la investigación para revelar nuevas experiencias y comprender los caminos recorridos en el contexto de la alfabetización, los cuales no solo constituyeron nuevos conocimientos, sino también identidades alternativas.

Palabras clave: identidad, saberes docentes, entrevista narrativa, prácticas de alfabetización, experiencia.

INÍCIO DE CONVERSA

Estar e pesquisar com as professoras alfabetizadoras, colegas de profissão que comigo dividem o mesmo espaço de aprendizagem e de saberes docentes, foi sem dúvida um momento desafiador na minha vida, enquanto professora e pesquisadora. Venho-me colocando o que Bhabha (1998) descreve como ponto nodal, espaço de produção, neste caso, não apenas da dissertação, mas da minha prática docente e das múltiplas identidades assumidas no campo da vivência e pelos afetamentos durante nossas aproximações (pesquisadora e pesquisadas) na pesquisa de campo.

Foram necessários deslocamentos e ressignificações no processo teórico e metodológico que me levaram a um relaxamento rigoroso para entender a pesquisa. No processo teórico, os deslocamentos aconteceram na medida em que foi possível entender os discursos produzidos sobre o que se tem denominado de alfabetização, dando destaque à produção das práticas docentes, aos métodos de alfabetização, às estratégias pedagógicas, aos recursos didáticos e à formação inicial de professores(as) alfabetizadores(as) para evidenciar outros saberes docentes no interior do Amazonas.

No campo metodológico, provocaram verdades outras no modo de olhar e perceber o outro, bem como pesquisar com esse outro. Nesse sentido, o(a) pesquisador(a) não vai modificar uma determinada realidade, um determinado contexto ou um determinado sujeito. Contudo, possibilitará discutir, articular, questionar, argumentar e dialogar sobre as diversidades das questões pesquisadas, não como verdades absolutas, mas sempre transitórias e em constante movimento.

No percurso desses deslocamentos e ressignificações, “[...] as posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades” (Woodward, 2014, p. 55). Essas identidades, assumidas a partir do campo teórico e metodológico para produzir um trabalho acadêmico, constituem e (re)constituem nossa subjetividade de pesquisadora e professora na percepção de que é possível reconhecer o nosso lugar como algo capaz de fornecer elementos para o desenvolvimento da pesquisa.

Estar na condição de produzir outros conhecimentos/saberes no contexto da alfabetização foi uma travessia de muitas aprendizagens, novos desejos, novas identidades assumidas, novas experiências e um movimento de análise do material empírico e da minha ação docente. Esses caminhos evidenciaram a fluidez das minhas escolhas metodológicas, o que não contempla o fim, mas o início de outras investigações.

Nessas circunstâncias, a produção da dissertação possibilitou um espaço aberto a novas experiências evidenciadas pelas leituras, estudos, anotações, (re)descobertas no ato de pesquisar e a “liquidez” (Bauman, 2001) no caminho investigativo de meu estudo. Os estudos conduzidos por Larrosa (2022, p. 26-27) apontam que “[...] o sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião.”

Nesta pesquisa, procurei descortinar outras possibilidades da metodologia, a entrevista narrativa ressignificada de Andrade (2012), sem nenhuma intenção de encontrar verdades. Minha intenção foi unicamente buscar outro modo de apresentar e refletir sobre as práticas de alfabetização produzidas nos nossos dias, para vislumbrar outras ideias, outros modos de ser alfabetizadora e alfabetizado(a).

Esta proposta, ora apresentada, deriva do recorte de um dos capítulos da minha dissertação de mestrado e tem como objetivo apresentar as análises dos dados produzidos sobre a produção das práticas de alfabetização, os métodos de alfabetização, as estratégias pedagógicas, os recursos didáticos e a formação inicial, que se constituíram em outros saberes docentes, e os tensionamentos que articularam esses elementos que estão presentes na produção desta escrita acadêmica.

Com as lentes do campo dos Estudos Culturais, busquei dialogar com outras possibilidades para produzir dados de uma pesquisa com a intenção de ressignificar as abordagens metodológicas e vislumbrar outras formas de pesquisar e de alfabetizar para não produzir conhecimentos/saberes fixos e acabados. Os Estudos Culturais tentam emergir como um campo de “produção de novos saberes acerca dos modos como processos socioculturais estão implicados na construção de nossas concepções sobre o mundo” (Kirchof; Wortmann; Costa, 2015, p. 8). Tenho me ocupado dessa temática, sobretudo olhar para a prática docente e analisar a produção das práticas de alfabetização que atravessam nossos espaços escolares para pontuar e operar sobre os sujeitos e suas narrativas.

Nessas travessias, este artigo é constituído pelos caminhos metodológicos percorridos para a produção dos dados, por uma subseção vinculada à dissertação defendida em fevereiro de 2024, que apresenta as análises dos elementos elencados a partir das narrativas apresentadas pelas professoras alfabetizadoras, como elas foram dialogando com as narrativas das colaboradoras da pesquisa que se propuseram a falar sobre suas práticas e suas vivências no contexto da alfabetização e, finalmente, as “conclusões provisórias” que dão visibilidade às nossas aproximações e os afetamentos sobre o pesquisar com o grupo de professoras atuantes de uma escola estadual localizada em Coari-AM.

OS CAMINHOS METODOLÓGICOS³

A pesquisa em questão trata de uma abordagem qualitativa, onde fiz reflexões sobre a subjetividade do sujeito, especificamente das professoras alfabetizadoras, todas mulheres e colaboradoras, sendo elas os sujeitos de pesquisa, para produzir outra compreensão sobre as práticas docentes no contexto da alfabetização. Assim, como diz González Rey (2015, p. 22), “[...] a subjetividade desdobra-se e desenvolve-se no interior do universo da realidade e de processos objetivos que caracterizam a organização social”, ao passo que os diferentes discursos circulantes nas vivências escolares, por meio dessas ações, não foram capazes de serem presumidos.

Tal proposta de dissertação de mestrado buscou perceber como se constituem as práticas de ensino dos(as) professores(as) alfabetizadores(as) atuantes em turmas do 1º ciclo do Ensino Fundamental I do município de Coari-AM a partir das narrativas docentes. Para tanto, contei com a colaboração de

³ Texto da dissertação de mestrado de Antonia Fernanda Dutra Pinto, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades.

seis professoras alfabetizadoras atuantes em uma escola estadual no município de Coari-AM. As potencialidades da minha proposta de pesquisa estão nas vozes das professoras alfabetizadoras que aqui se encontram, como elas produziram tais práticas de alfabetização e outras não, os métodos de alfabetização, como elas alfabetizaram em outros contextos, com outros sujeitos, suas estratégias pedagógicas, os recursos didáticos utilizados, sua formação inicial e como constituíram suas identidades docentes, demonstrando a representação de professora alfabetizadora no interior do estado do Amazonas a partir de suas escolhas, de suas atitudes e crenças.

Nas entrevistas, trouxemos como suporte a discussão de Andrade (2012), que nos mostrou e encantou com as novas possibilidades de desenvolver pesquisa com o auxílio das entrevistas narrativas ressignificadas. A técnica da entrevista narrativa ressignificada é um termo utilizado por Andrade (2012), que se apresentou como instrumento para a produção dos dados e foi aplicada com as docentes alfabetizadoras de uma escola da rede estadual de ensino, localizada no município de Coari-AM. A referida autora nos ajuda a compreender as narrativas como “narrativas de si”, conceituando-as como:

[...] a compreensão de que cada pesquisador/a, na relação com o/a outro/a, ressignifica o fazer metodológico em sua trajetória pessoal de investigação. [...] A produção do sujeito se dá no âmbito da linguagem, na relação com as forças discursivas que o nomeiam e governam, sendo a escola um desses locais da cultura no qual se produz e se nomeia o sujeito [...] (Andrade, 2012, p. 174).

Por meio desses aportes metodológicos, as professoras alfabetizadoras se dispuseram, se entregaram à pesquisa, dialogaram sobre sua vida, seus enfrentamentos na docência, os acontecimentos, fatos, emoções, lembranças (boas ou não), reflexões sobre suas escolhas, subversões, reviveram sentimentos, bem como algumas vezes remexi o ainda não dito e provoquei risos e lágrimas. É interessante apontar também que, por meio desses aportes metodológicos, partilhamos das experiências que as professoras tiveram referentes às relações estabelecidas com a escola, com seus pares, com as crianças alfabetizadas por elas e como essas relações as constituíram, e, através desse emaranhado de vivências, elas narraram sobre si.

Foram selecionadas seis professoras alfabetizadoras do quadro efetivo da Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar (SEDUC), com licenciatura plena em Normal Superior ou Pedagogia e com no mínimo dois anos de efetivo trabalho na alfabetização, ou seja, no 1º ciclo do Ensino Fundamental I. Nossos diálogos ocorreram pessoalmente na sala de projetos da escola, na biblioteca da escola e na casa da professora Rosa, especificamente em seu quarto.

O disparador para iniciarmos nossos diálogos foi a partir de uma pergunta central: *me fale sobre o seu processo de alfabetização*. Neste momento, passei a utilizar a função do gravador de voz disponível no meu aparelho celular, posteriormente ativei o mesmo recurso (gravador de voz) no Word, usei o notebook para realizar a transcrição das entrevistas em formato de textos para seguir com as discussões que as entrevistas apresentaram, pois no campo dos Estudos Culturais trabalhamos com as narrativas apresentadas pelas professoras alfabetizadoras. Por meio da narrativa, passei a reconstruir as “significações que os sujeitos atribuem ao seu processo de escolarização, pois falam de si, reinventando o passado, ressignificando o presente e o vivido para narrar a si mesmos” (Andrade, 2012, p. 174-175).

Os caminhos e descaminhos investigativos percorridos na produção desta escrita foram experiências e afetamentos que possibilitaram produzir outros discursos sobre a produção das práticas de alfabetização e suas representações sociais. Apropriei-me da escrita de Scaramuzza (2015, p. 15) e das articulações dos Estudos Culturais, busquei olhar e pensar que o “lugar de onde falo não se constitui como sendo o melhor lugar, mas sim, um lugar possível, onde faço escolhas, acertos e erros e que me fornecem ferramentas para pensar a pesquisa”.

Ademais, a entrevista narrativa ressignificada permitiu que as entrevistadas trouxessem elementos sobre sua vida pessoal, profissional, conquistas, fatos, lembranças e escolhas sobre o eu, sujeito que se constitui nas múltiplas identidades e é marcado pela diferença.

A PRODUÇÃO DAS PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO, OS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO, AS ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS, OS RECURSOS DIDÁTICOS E A FORMAÇÃO INICIAL⁴

Esses enfrentamentos colaboraram para que novas identidades fossem assumidas pelas professoras e, junto, a resistência foi se incorporando em suas vidas. Para poder tensionar as identidades dessas professoras na tentativa de entender os enfrentamentos nos caminhos percorridos no contexto da alfabetização, passo a trabalhar com as respostas às perguntas sobre a produção das práticas de alfabetização, os métodos de alfabetização, as estratégias pedagógicas, os recursos didáticos e a formação inicial. O que teriam para me dizer as professoras Rosa, Hortênsia, Jasmim, Girassol, Violeta e Acácia sobre suas vidas, seus caminhos, seus enfrentamentos, as inconstâncias, as subversões, as submissões e as atitudes nos caminhos percorridos no contexto da alfabetização?

A professoralização foi o que moveu as professoras, que as mantêm no campo de batalhas para se tornarem professoras por inteiras. Assim, as suas escolhas foram os resultados produzidos por elas, ao mesmo tempo em que produziram sujeitos outros. As alfabetizadoras deslocaram-se, segundo o pensamento de Hall (2020, p. 52), para “[...] negociar com novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades”, atribuindo a cada uma delas um jeito diferente de experimentar suas profissões.

Utilizei e me apropriei dos conceitos de identidade e diferença como ferramentas conceituais nesta escrita acadêmica, para dar visibilidade às práticas de alfabetização produzidas pelas professoras alfabetizadoras e dar visibilidade às suas narrativas. Isso implicou uma maneira estratégica dos meus procedimentos metodológicos e tudo o que ouvi das colaboradoras de acordo com a necessidade da pesquisa, sem nenhuma pretensão de encontrar respostas prontas, fixas, acabadas, mas produzir novas problematizações e olhares outros nos modos de pesquisar. Em função disso, Andrade (2012, p. 180) aponta que “[...] pelas narrativas, histórias são escritas e identidades são discursivamente produzidas” pelas mudanças experimentadas que as constituíram professoras alfabetizadoras.

Dessa forma, encontrei uma pluralidade de vozes e discursos nas narrativas aqui apresentadas. Nessa produção, na fala da professora Rosa foi possível perceber as manobras para continuar sua formação na educação, quando ela experienciou a docência em 2018 por três meses e no ano seguinte iniciou sua especialização em Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais, ano de sua aprovação no concurso público da rede estadual do Amazonas. Ano que deixou marcas na sua profissão. No início do ano letivo, Rosa conseguiu um contrato no município de Tefé, em uma comunidade próxima de onde ela morava. “*Lá eu fui ser professora da sala de recurso, atendia um aluno com distúrbio de comportamento e déficit de aprendizagem, a outra aluna apresentava ter déficit de aprendizagem, porém, não tinha um laudo médico, ele tinha 15 anos e ela sete*”⁵ (Rosa, setembro de 2023).

Essas marcas possibilitaram à professora Rosa circular pela Educação Especial, na zona ribeirinha de Tefé, “*gostei dessa área e hoje estou cursando outra especialização em educação especial*” (Rosa, setembro de 2023). Quando perguntei sobre como foi essa mudança, professora Rosa relatou:

Para mim não foi tão difícil porque a faculdade capacita para isso, nós tínhamos três disciplinas voltadas para área da Educação Especial, também fiz um curso online, eu sabia um pouco, tinha uma noção, estagiei e fiz um projeto na escola quando estudava na UEA, eu tive formação quando eu entrei, a prefeitura de Tefé oferecia formação nessa área da Educação Especial, mas não era curso de muitos dias, por mês tínhamos reunião, o pessoal da SEMED disponibilizava bastante material para trabalharmos as dificuldades das crianças. Na época, o coordenador da área de Educação Especial, era bastante atento a essas coisas, ele disponibilizava muito material, aí eu trabalhava por meio desses materiais (Rosa, setembro de 2023).

Talvez Rosa, assim como a maioria de nós, “[...] assume identidades sem se preocupar, ou se dar conta das identidades assumidas” (Dalpiaz, 2018, p. 88). Escrevi isso sobre essa professora porque

⁴ Texto da dissertação de mestrado de Antonia Fernanda Dutra Pinto, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades.

⁵ Os excertos do material empírico serão apresentados em formato itálico, tamanho da fonte 10 para diferenciar das citações diretas dos(as) autores(as).

depois de suas experiências iniciais, ela vivenciou outras travessias na supervisão escolar. Perguntei: seu trabalho na sala de recursos era direcionado para as deficiências das crianças?

Sim, mas também tinha alfabetização, porque a sala de recurso é isso, alfabetizar de uma maneira diferente, porque na sala de aula o professor por mais que ele queira, ele não pode parar a aula dele para alfabetizar aquele aluno, e como ele tem dificuldade de aprendizagem não vai conseguir aprender da mesma forma que os outros, por mais que o professor leve uma atividade diferente, eles irão apresentar mais dificuldade de aprendizagem. Eu trabalhava por meio de jogos, esse aluno que tinha déficit de aprendizagem e distúrbio de comportamento, gostava muito de jogos, na sala de recurso tinha computador, essa comunidade tinha energia, tinha luz para todos que é energia direta, então eu pude trabalhar jogos com ele no computador, ele avançou bastante na aprendizagem. Nesse período também, no município tínhamos que cumprir carga horária de 20 horas semanais, eu trabalhava com a sala de recurso, eram dois dias de atendimento e não dava, e para complementar a carga horária eu era auxiliar pedagógica, ajudava a gestora, na área pedagógica, que era minha prima (Rosa, setembro de 2023).

A professora percebeu o processo de alfabetização com outro olhar, com sujeitos outros, na sala de recursos de uma escola ribeirinha, no mesmo contexto de sua alfabetização. Como auxiliar pedagógica, ela acomodou conceitos visuais, e isso mudou seu jeito de olhar e pensar a alfabetização pelas observações feitas das práticas de ensino produzidas por colegas de profissão.

É complicado, é diferente e, às vezes, angustiante. Lá também tinha multisseriado, mas apesar do professor ainda estar em formação, percebi que ele era um ótimo alfabetizador, quando estamos de fora, podemos perceber aqueles professores que se identificam com alfabetização e aqueles que estão só para cumprir horário. Tentava ajudar com materiais, orientação e elaboração de planilhas, mas, não via nenhum retorno, era aquilo que ele sabia e pronto (Rosa, setembro de 2023).

Outro deslocamento marcou a sua e a minha trajetória profissional. Nossa conversa foi marcada pela fluidez existente na nossa relação (entre mim e a professora) estabelecida desde 2020 quando nos encontramos pela primeira vez no local de trabalho. Nossos caminhos se cruzaram pela reviravolta em nossas vidas quando passamos a morar em Coari para dar continuidade na docência como professoras concursadas.

É nesses encontros do acaso que Woodward (2014, p. 23), em seus escritos, nos ajuda a pensar que “[...] o passado e o presente exercem um importante papel nesses eventos. A contestação no presente busca justificação para a criação de novas – e futuras – identidades”, explodindo de incertezas, mas exibindo tensões para acomodar identidades outras.

Rosa transitou pela escola da zona rural, trabalhou com turmas multisseriadas, com alunos(as) na sala de recursos e experimentou mergulhar na supervisão pedagógica. Em Coari, como professora concursada, ela circulou por outros caminhos, outras realidades, um mundo diferente e com outras perspectivas de professora. Nessa mudança de contexto da zona rural para a cidade, Rosa transitou pela escola de zona urbana, vivenciou a alfabetização com crianças dos anos iniciais, especialmente com turmas do 1º ano do 1º ciclo do Ensino Fundamental I.

Fernanda: Você percebeu alguma diferença no processo de alfabetização entre as duas realidades de escola?

Professora Rosa: *Tem uma grande diferença, tanto na questão de meios de alfabetização, porque na educação urbana o professor, por exemplo, pode passar um trabalho de pesquisa, o aluno tem acesso à internet, quando não tem acesso à internet, o pai tem, porque hoje dificilmente uma família não tem um celular no qual possa acessar a internet. No interior essa realidade é mais difícil, mas a cidade também tem a questão das salas superlotadas, porque para alfabetizar vários alunos, com conhecimento, com culturas diferentes, porque os alunos são iguais, as culturas de casa são diferentes, tem alguns que não tem limite em casa e chega na escola é mais difícil de o professor lidar com esses alunos, aí se torna mais difícil de professor alfabetizar porque muitas vezes esse aluno não deixa que o professor alfabetize direito porque fica bagunçando, querendo ou não o professor tem que ficar mais atento aquele aluno, ele pode machucar o colega, principalmente em primeiro ano que é uma área que atuei por 3 anos. Então tem que ter um cuidado grande com esses alunos que são menores, as vezes isso acaba prejudicando o aprendizado dos outros que querem aprender, porque o professor querendo ou não tem que focar um pouco em cuidar daqueles alunos para evitar confusões, eu vejo as salas superlotadas, principalmente para primeiro ano.*

Revivemos suas práticas de alfabetização e qual método ela fez uso para alfabetizar as crianças do 1º ano do 1º ciclo, e Rosa disse:

Trabalho com a apostila, porque ela é mais prática, trabalho a questão da escrita, de tudo eu trabalho um pouco, não uso um método específico, mas eu gosto da apostila na parte da leitura, porque eu acredito que é muito importante o aluno dominar a leitura para ele poder dominar todas as outras disciplinas. Então eu monto materiais de acordo com a minha sequência didática e com os níveis de aprendizagem dos alunos, material baixado da internet como a gente tem acesso, alguns eu só pego um modelo, eu adapto conforme a realidade do aluno (setembro de 2023).

A professora acredita que muita coisa mudou na alfabetização, são outros tempos, outros modos de alfabetizar. Em suas observações, Rosa (setembro de 2023) narrou sobre essa mudança: “Não se usa muito o tradicional, hoje a gente busca metodologias diferentes e temos alunos que conseguem se alfabetizar com novas metodologias”. E questionei: quando você fala em metodologias diferentes, você está se referindo a quê especificamente?

Antes a alfabetização se resumia assim: B-A-BE-BI-BO-BU-BÃO, fomos alfabetizados dessa maneira e hoje podemos alfabetizar por meio dos jogos, trabalhar o lúdico, tem aluno que consegue compreender mais, continuamos trabalhando o alfabeto, mais de maneira diferente, utilizando jogos por exemplo, se você faz um alfabeto de jogos os alunos têm mais curiosidade do que só lá no tradicional A-B-C-D.... todo dia, eu faço isso ainda, mas também uso os jogos, ao longo dos tempos os métodos de alfabetização não mudaram, continuam sendo os mesmos, o que muda é a ação do professor, a forma como ele vai conduzir tal método (Rosa, setembro de 2023).

Rosa suturou os métodos de alfabetização para produzir com as crianças suas práticas de ensino. Nessa sutura metodológica, ela circulou e negociou outras possibilidades de alfabetizar com vários procedimentos e estratégias diferentes. Encontrei em Soares (2021, p. 27) uma definição para essa postura de afirmações da professora Rosa, quando ele escreveu que a “[...] alfabetização [...] é um processo complexo que envolve vários componentes [...] e demanda diferentes competências”. A professora usou nas suas práticas de alfabetização as histórias infantis, vídeos, fichas de letras, sílabas, palavras e textos, atividades diárias de leitura e diferenciada para os níveis de aprendizagem das crianças.

As práticas de alfabetização estão implicadas na constituição do sujeito e produzem outros modos de ser professora, um novo sujeito na tentativa de produzir novos/outros sentidos para o que vem sendo narrado. O que a professora Rosa buscou foi ressignificar suas estratégias de ensino para se aproximar das necessidades de aprendizagem dos sujeitos que dividiram com ela um espaço de construção do saber. Tensionei a fala da professora Hortênsia sobre suas inspirações no processo de alfabetizar sujeitos. Como ela falou em outro momento que não “queria ser professora” e falávamos sobre inspirações, veio a resposta:

Fernanda: A forma como você foi alfabetizada inspira no seu fazer docente como alfabetizadora? Professora Hortênsia: Não. Eu procurei fazer tudo diferente porque eu achava muito rígido, não vou dizer que eu não sou rígida com meus alunos, eu exijo muito deles hoje. Mas aquilo do professor chegar e os alunos ficarem na sala com boca fechada, porque se um falasse sabe, era um ensino tradicional, muito autoritário, eu não trago isso para minha prática em sala de aula. Hoje, analisando meu processo de alfabetização, eu não as quero, (as professoras), como exemplo para mim. Aquelas atitudes de deixar a gente de joelho, de te levar para o quadro, você não aprendeu, vai ficar em pé de cara para parede, eu vivi isso. Muitas vezes, não era comigo, porque eu já vim para escola já alfabetizada, mas eu via com meus coleguinhas, e eu percebia que eles estudavam e não conseguiam, parece que não conseguiam aprender. Hoje não, você não consegue aprender, tem aula de reforço, é encaminhado a um especialista, naquela época não tinha isso, você aprendia ou não aprendia.

Observei na fala de Hortênsia que, de algum modo, a educação tradicionalista deixou marcas que permitiram realçar os modos de ser alfabetizadora em tempos e contextos diferentes. Tais marcas apontaram para outros e diferentes modos de alfabetizar e de estar na escola, provocaram ressignificações no processo histórico para perceber outros saberes e outras práticas e não os torná-los fixos.

Posso dizer que sua fala foi impactante e carregada de elementos para pensar a produção dos sujeitos escolares. Nesse processo metodológico, a entrevista narrativa retratou a própria compreensão de si, uma vez que permitiu “[...] a compreensão de que cada pesquisador/a, na relação com o/a outro/a,

ressignifica o fazer metodológico em sua trajetória pessoal de investigação” (Andrade, 2012, p. 174). Esse tipo de entrevista proporcionou ao sujeito participante da pesquisa narrar fatos, situações e acontecimentos que as tocaram, que tem e fizeram sentido para elas, neste caso, as professoras.

Sobre sua rotina, o seu dia de sala de aula, como alfabetizadora, Hortênsia falou sobre sua prática de alfabetização:

Eu procuro me espelhar em novos colegas, eu pesquiso muito, tento fazer com as crianças como eu gostaria que um professor estivesse feito comigo, as minhas aulas são dinâmicas, eu converso com meus alunos, eu trago pesquisas para eles, eu os coloco para pesquisar, depois fazemos a socialização daquela leitura. Faço competições, tem aqueles que não vão, não tem o mesmo nível que o outro, o nível de aprendizagem de cada criança é diferente, então eu procuro ler muito, pesquiso dinâmicas, mas eu vou te dizer que apesar disso a minha turma não é bagunçada, quando eu chego na sala eu me sinto acolhida. quando eu venho chegando e quem está lá fora, desce para me abraçar. Mas lá na sala é diferente, é eles e eu como professora, eu tirando as dúvidas, jamais eu falo assim: eu já expliquei tantas vezes, quantas vezes eles precisam eu vou estar explicando, hoje eu confesso, gosto muito do que eu faço, é tanto que eu já tenho 32 anos de trabalho, e eu ainda não fui atrás da minha aposentadoria. E eu já tenho tempo de serviço, já tenho 55 anos, e todo ano eu digo que vou ficar somente com as 20h do município porque eu só tenho 17 anos lá. E eu fico um horário em casa, para cuidar da minha família, para cuidar das minhas coisas, mas a coragem ainda não deu, confesso que ainda não me sinto preparada para abandonar o magistério (setembro de 2023).

A professora favoreceu a leitura diária, diversificou as formas de trabalhar a leitura: “a leitura eu faço de forma dinâmica, porque se a criança faz a leitura correta ela vai acompanhar todas as disciplinas” (Hortênsia, setembro de 2023). Acrescento ainda que, em sua prática de alfabetização, a professora passeou pela roda de conversa para ampliar as discussões das leituras, trabalhou com a competição, com o uso de microfone e caixa de som. Fez uso de leituras diversas: no livro didático, “eu trago leituras de casa, peço para eles pesquisarem leitura diferente, então assim vou diversificando, quase todos os dias eu faço leitura na minha sala” (Hortênsia, setembro de 2023).

Nossa conversa seguiu com naturalidade, percebi em Hortênsia uma satisfação na docência, de gostar daquilo que ela aprendeu a fazer e hoje poder socializar suas experiências positivas no processo de alfabetização com as crianças. No ano de 2023, a professora estava trabalhando com uma turma do 4º ano do 2º ciclo do Ensino Fundamental I, e mesmo assim ela fez sua intervenção para alfabetizar. Era uma turma de crianças com vários níveis de aprendizagens e perguntei: como você faz para atender os níveis de aprendizagens?

É simples, eu trago leituras com interpretação de texto, ou então produção textual com as figuras para eles irem fazendo passo a passo, enquanto eu tenho uma cartilha, um caderno de leitura que eu produzi, enquanto eu explico, eles vão fazendo, e eu vou chamando aqui na minha mesa individual, e essa cartilha são para os alunos que estão com nível de dificuldade maior, eu ainda não consegui com três crianças e eu estou desesperada, mas eu tinha 18 alunos com dificuldades na leitura e na escrita, 4º ano, e eu ainda não consegui com esses três alunos, um é especial, e não tem o cuidador, as outras duas alunas, são aquelas crianças que eu já chamei a mãe, eu peço, depende muito delas e da família, então o que está o meu alcance eu estou fazendo o máximo. Mas a família não está me ajudando, não está me dando retorno (Hortênsia, setembro de 2023).

Na sua fala, percebi que Hortênsia usou estratégias diferentes para atender as dificuldades das crianças, não se prendeu a um método específico de alfabetização, ela usou possibilidades outras de ampliar e construir o conhecimento, lançou mão de outras abordagens para ressignificar suas práticas de alfabetização. Neste sentido, nos métodos de alfabetização, segundo Soares (2021, p. 333-334), desenvolvem-se “[...] atividades que estimulem e orientem a aprendizagem da criança, identifica[r] e interpreta[r] dificuldades que terão condições de intervir de forma adequada – aqueles/aquelas que alfabetizam com método”.

Trabalhar a alfabetização na turma de 4º ano tornou-se urgente para a professora em 2023. Logo, foi necessário ela percorrer outros caminhos, e por determinado tempo ela deixou de trabalhar os objetos de conhecimentos (conteúdos) de língua portuguesa descritos no plano anual de ensino do 2º ciclo do Ensino Fundamental I e passou a trabalhar o processo de alfabetização com as 18 crianças que apresentaram dificuldades na leitura e na escrita. O nivelamento dos níveis de aprendizagens da turma direcionou a professora Hortênsia a produzir modos de ser alfabetizadora em contextos diversos, ela

passou a utilizar atividades diferentes, sacola de leituras, pesquisou, buscou, fez uso da internet, da cartilha e da silabação.

O uso das cartilhas nesse contexto, segundo Mortatti (2006, p. 13), são “concretizações impostas” pela cultura da alfabetização e pelos discursos produzidos nas gerações de professores(as) alfabetizadores(as) “[...] que vão sedimentando, concomitantemente a uma cultura escolar, certas concepções de língua/linguagem, alfabetização, métodos e conteúdos desse ensino da leitura e da escrita”.

Quando perguntei: você usa um método específico para alfabetizar?

Professora Hortênsia: Não. Eu não utilizo um método específico, o que eu vou achando que vai servir, venha. Porque na alfabetização você não tem certeza de nada, é como trabalhar no escuro. Eu uso muito o Youtube, eu vou lá pesquiso vídeo da aula, do tema que eu quero trabalhar, vejo vários professores com aquelas atividades, eu vou recolhendo e adaptando com a realidade da turma. Eu utilizo muito a internet, eu pesquiso, trago para sala de aula, eu faço aquele material já para eu trabalhar com eles (setembro de 2023).

O que me chamou a atenção durante toda a conversa que tive com a professora Hortênsia foi a forma como ela se referiu à alfabetização: “na alfabetização você não tem certeza de nada, é como trabalhar no escuro” (setembro de 2023). Foi uma fala impactante, carregada de significados da diferença que traduzem os sentidos da alfabetização e os modos de ser alfabetizadora. Os escritos de Woodward (2014) mencionam que os significados são produzidos por diferentes sistemas simbólicos e de representação. “É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos” (Woodward, 2014, p. 18). Tal discurso implicou perceber que não damos conta de tudo, que os significados produzidos pelas relações estabelecidas são deslizantes e instáveis, então, passei a enxergar a alfabetização com outros olhos, de outra perspectiva, como um mundo de descobertas, um processo borbulhante com vários aspectos sociais e culturais.

A sacola de leitura, feita de TNT pela professora, foi uma das estratégias usadas para estimular a leitura e a escrita das crianças que estavam no processo de alfabetização.

*Fernanda: Você fez uma sacola para cada criança?
Eu fiz um para cada, dos 18 alunos que estavam com dificuldades na leitura. Fiz a sacola de TNT, coloquei as letras dentro dela. Eles levavam a sacola de TNT para casa e eu fazia a leitura com eles na sala. Depois fomos para as sílabas, eles foram avançando, eles sabem as letras, agora vamos formar as sílabas, depois que eles conseguiram, eu ia trazendo cada um individual e com as letras formando as sílabas e logo depois as palavras. Eu já parti para os textos pequeno e simples, que veio na própria cartilha que eu tenho, só que essa cartilha eles não compraram, eu pedi os caderninhos pequenos da escola, da gestora, eu imprimi e coleí no caderno, eu fiz um caderninho para eles de leitura. Então eu consegui, mas esses três alunos, eu estou dependendo da família, do momento deles (Hortênsia, setembro de 2023).*

Na entrevista, a cada resposta de Hortênsia eu me empolgava mais, pois aquele momento também era de aprendizagem para mim, enquanto alfabetizadora. Embarquei nessa troca para enxergar outras possibilidades de pensar o trabalho com a leitura e a escrita, repensei os elementos que atravessaram as narrativas e me deparei em um labirinto de pensamentos sobre outras formas de alfabetizar sujeitos outros.

Encontrei nos estudos de Meyer e Paraíso (2012, p. 118) a possibilidade de pensar as entrevistas narrativas “[...] como eventos discursivos complexos, forjados não só pela dupla entrevistador/entrevistado, mas também pelas [...] expectativas que circulam – de parte a parte – no momento e situação de realização das mesmas e, posteriormente, de sua escrita e análise”. Atentamente ouvi e cuidei para não cortar a fala de Hortênsia, nem interrompi seu raciocínio, fiquei curiosa em saber como era seu trabalho com o restante da turma:

Bem, se eu vou dar um sistema de numeração decimal, vou para o quadro, eu explico da melhor forma para todos, faço uma atividade prática com todos, mas na hora de cobrar, eu cobro de uma forma diferente, a depender do nível de aprendizagem de cada um, para os alunos mais avançados eu vou cobrar a nível do quarto ano, agora para os outros eu já vou atrás de uma atividade lá do segundo ano, do terceiro ano, mas que seja sistema de numeração decimal. Uma atividade mais leve, a nível dele mesmo, que ele seja capaz de fazer, porque ele vai acompanhando, para poder ter a sua nota, porque se eu colocar o nível dos outros eles não vão fazer nada e assim estou conseguindo. Eu faço leitura com todos. As sílabas canônicas e das não canônicas, uma vez na semana,

com toda a turma, para eles não se sentirem “só eles” que são a minoria, faço uma leitura com a turma toda, depois eu faço ditado com todos, mas eu vou pensando nos alunos com mais dificuldades, eu sei que aqueles outros vão acertar todas as palavras, mas eu vou fazendo aquele ditado pensando mais nas dificuldades dos alunos, coloco famílias, por exemplo essa semana vamos revisar essa família aqui, faço a revisão, faço um ditado, foi assim que eu consegui que eles avançassem, foi necessário fazer um trabalho lá de baixo (Hortênsia, setembro de 2023).

Desse momento em diante, ela detalhou a sua trajetória como Apoio Pedagógico em duas escolas da rede estadual de ensino de Coari. Lancei a pergunta: como você percebeu o trabalho sobre a alfabetização quando atuou como apoio pedagógico?

Eu vi e experimentei os dois lados, o da sala de aula e o de fora, eu acho que a melhor forma de trabalhar é dentro de sala de aula, você sabe o que fazer, aqui fora, muitas vezes você dá uma ideia, você chama para uma conversa, um momento de reflexão, mas a pessoa resiste, temos muitos colegas que são resistentes. Mas eu procurava trabalhar, ouvir eles, eu trazia coisas diferentes, outra coisa que eu fazia era a leitura com aquelas crianças. Fazia a leitura dos alunos por turma. Eu chamava turma por turma para fazer a leitura, depois eu conversava com a professora, falava da leitura de todos os alunos, perguntava o que que está faltando, eu produzia material, trazia. Então eu dava ideias para elas ou eu produzia algum material e socializava para trabalhar com aqueles alunos que estavam com dificuldade na leitura, porque eu estava fora de sala, mas eu conhecia a realidade de cada sala, eu aprendi principalmente o nome daquelas crianças que mais necessitam de ajuda. Essa questão da resistência é difícil, eu não resisto, eu abro logo a boca. Eu digo logo, eu estou precisando de ajuda (Hortênsia, setembro de 2023).

Nessas descobertas, a professora encontrou a resistência de colegas em incorporar outras práticas de alfabetização, outras estratégias, outras metodologias de ensino. Cabe apontar que essas resistências estão relacionadas à utilização de um método fixo, engessado e pronto. Atualmente não existe uma padronização dos métodos, adquirimos liberdade e temos em mãos a oportunidade de ressignificar nossas práticas de ensino.

Outra conversa rica e que considere necessária retomar foi o que ouvi da professora Jasmim sobre as suas experiências percorridas no contexto da alfabetização com crianças dos anos iniciais e como esse processo foi incorporado nas turmas do 2º ciclo (4º e 5º ano) do Ensino Fundamental I. A professora tem mais de 30 anos na docência, por duas décadas ela vivenciou a alfabetização e nos últimos 15 anos ela tem se dedicado a alfabetizar também no 2º ciclo. Sobre a produção das práticas de alfabetização, os métodos de alfabetização, as estratégias pedagógicas e os recursos didáticos, com a professora Jasmim surgiu o seguinte diálogo:

Fernanda: E quando você iniciou na primeira série, tinha noção do que é trabalhar com alfabetização?

Professora Jasmim: Não, não tinha. O que eu sabia foi o que tinha estudado nas disciplinas Didática Geral e Psicologia ministradas no magistério. Mas eu tive ajuda de professoras antigas que me ensinaram a explorar os cartazes, a professora Vilma uma pessoa que hoje é dona de escola particular de Coari, ela me ensinou a explorar o cartaz, como fazia, contava toda uma historinha da letra ou então da figura. Tinha todo um processo, de contar uma historinha, se era o cartaz do “bebê” contava a história do bebê, iniciava com a história para fazer tudinho antes de iniciar a exploração da letra, perguntava quem tinha irmão em casa, a historinha antes era para fazer toda aquela contextualização para as crianças primeiro, então ela tinha uma metodologia muito boa, apesar de ser considerada tradicional, mas era muito boa e funcionava.

Fernanda: A partir da historinha do bebê que você iniciava a sua aula?

Professora Jasmim: É, depois mostrava que ele era o bebê, a letra b, falava que a letra b tinha os irmãozinhos, que era o B-A-BE-BI-BO-BU tinha mais outro que era o B-ÃO, contava toda essa história, e começava o processo de alfabetização silábica, depois ia para as palavras, juntar as sílabas, depois de juntar as sílabas formava as palavras, depois das palavras começava as frases e por último o textozinho e assim até chegar no cartaz da letra Z, naquele tempo, a primeira série, quase não era trabalhado as dificuldades, que hoje chamamos de sílabas canônicas e não canônicas, e por um bom tempo passamos a chamar de sílabas simples e complexas, na primeira série os alunos saíam lendo bem até a letra Z, já na segunda série trabalhava as dificuldades, as sílabas complexas, realmente dava certo, diferente dos dias de hoje.

Fernanda: Por que você considera que nessa época dava certo e hoje não?

Professora Jasmim: Eu acredito muito que é a questão da sociedade, a família principalmente, os meios, que hoje as crianças estão, mais a criação, as crianças estão muito mais soltas, quando eu comecei é claro que já existia criança que tinha preguiça, criança que era indisciplinada, do mesmo jeito, mas se eu chamasse um pai, eles

ficavam com medo, o pai dava uma lição e se resolvia, então poucos alunos saíam sem saber ler, só aqueles que realmente tinha algum problema de aprendizagem que saíam sem saber ler. Mas quase todos os alunos da primeira série saíam já lendo sílabas simples, com o método silábico.

Fernanda: Hoje, no seu dia a dia, a sua rotina de trabalho com as crianças permanece a mesma de quando você iniciou na docência? Estou me referindo a sua prática de alfabetização, você disse que iniciava com a com a música do bebê, e hoje como você inicia seu processo de alfabetização?

Professora Jasmim: *Nos últimos 15 anos, eu venho trabalhando com o 2º ciclo, o quarto e quinto ano. Claro que é diferente, até porque espera-se que ele já chegue no quinto ano alfabetizado, mas a questão que ele não chega, então já tem que ser uma sala multisseriada, porque tem que ser método diferente para os que não sabem ler e não sabem mesmo, e outro para aqueles que estão iniciando o processo silábico e dar o conteúdo do quinto ano para os que já sabem, que já conseguem acompanhar, então são três metodologias ou mais metodologias diferenciadas, mas no mínimo três tem que ser. Então não dar para você ficar lá na lousa, com uma única atividade, e nem ficar no B.A-BE-Bi-BO-BU-BÃO, tem que ter uma cartilha, porque tem uns que já lê, então eu começo com uma cartilha, revisando o que já estudaram nas séries anteriores, os que já conseguem ler e escrever, às vezes eu dou um texto pequenininho para eles irem treinando, e para os que já sabem ler eu começo com leituras mais simples, leitura e interpretação mais simples e depois vou avançando.*

Ao longo dos anos na docência, a professora percebeu um certo distanciamento das famílias em relação à aprendizagem das crianças e com a própria escola. São outros sujeitos e contextos diferentes, o que tem refletido, segundo Jasmim, negativamente no processo de ensino-aprendizagem. Família e escola precisam caminhar juntas para se pensar em uma educação de qualidade e (re)pensar suas relações em tempos outros.

Na narrativa da professora Jasmim, ela recordou o início na docência com as orientações adquiridas no Magistério nas disciplinas Didática Geral e Psicologia. Em outras circunstâncias, ela conseguiu ajuda de professoras que atuavam na alfabetização. Nessa troca de experiência, ela encontrou um jeito para produzir suas práticas de ensino e foi constituindo sua identidade alfabetizadora.

A esse respeito, foi importante mencionar os escritos de Larrosa (2022, p. 26), ao tratar a experiência na vida do sujeito como a “ideia de travessia”, com o objetivo de descortinar um espaço para pensar de outro modo o vivido, o diferente. Nessa travessia, Jasmim pensou a alfabetização a partir de outro ponto de vista, com outras possibilidades para operar a leitura e a escrita com as crianças. O sujeito da experiência é, segundo Hall (2020, p. 29), um “sujeito fragmentado”, que reside nos discursos e está posto nas múltiplas identidades constituídas em diferentes contextos e nas relações estabelecidas.

Desse modo, o sujeito precisa quase sempre redesenhar suas identidades, ajustá-las, (re)produzi-las, pois ele mesmo precisa (re)criá-las, (re)descobri-las. E, assim, a professora Jasmim conseguiu se (re)afirmar na docência, alfabetizar crianças utilizando o método silábico, contextualizar cada família silábica, explorar os cartazes da sala de aula, fazer uso das fichas de leituras e das cartilhas.

Fernanda: Embora você esteja trabalhando com quarto e quinto ano, você não deixa de alfabetizar?

Professora Jasmim: *Não tem como não alfabetizar, tem que alfabetizar, porque eles chegam no 5º ano com uma defasagem do ensino muito, muito, muito grande. Tem aluno que não conhece o alfabeto, tem alunos que não conhecem letras, às vezes conhece vogais, eu tenho um aluno que não consegue diferenciar as vogais.*

Fernanda: Como você percebe esse trabalho no 5º ano, você recebe alunos que ainda estão em processo de alfabetização, o que você tem realizado na sala tem contribuído para melhorar a qualidade do ensino? Você acha possível alfabetizar no 5º ano com os múltiplos níveis de aprendizagem?

Professora Jasmim: *Ultimamente está sendo muito estressante, especialmente depois da pandemia, porque eles chegam no quinto ano como se eles não tivessem estudado uma série, pulado de série, porque foi trabalhado as aulas virtuais mas nem todos os alunos tiveram acesso e precisaria alguém está acompanhando mesmo, os pais, a família, o que não aconteceu, nós não temos praticamente apoio da família, a escola faz o que pode, mas o que eu considero que seria ideal, era ter uma sala de reforço para esses alunos, ao meu ver essa seria uma das soluções principais, primeiro seria os pais, e depois uma sala de reforço para esses alunos que estão com defasagem na aprendizagem, então a escola faz só o que pode, ela não tem como pagar mais um professor para reforço, considero que isso seria o dever do estado, dos nossos governantes, fazer isso para amenizar, por que é muito estressante, eles não conseguem, tem alunos de 11 anos que não sabem ler, então fica difícil, aluno de 11 anos você não pode mais*

trabalhar alfabetização da mesma forma para uma criança de 6 anos, é diferente, porque já conhece outras coisas, o de 6 anos não, ele está no ritmo de ser alfabetizado.

Fernanda: Ao longo de sua docência como professora alfabetizadora, quais os instrumentos didáticos que você costuma utilizar na sua aula, além do uso das cartilhas mencionadas e de atividade diferenciadas, o que mais costuma utilizar durante sua aula no seu fazer pedagógico?

Professora Jasmim: *Agora como estamos ciente da tecnologia, hoje utilizo o projetor de mídias, que é o data show, computador, eu gosto também muito de aula prática, minha turma hoje eu enfrento dificuldades para realizar aulas práticas, porque eles são muitos indisciplinados, às vezes eu até deixo de lado, que é eu acho muito mais bonita a aula prática, mas eu sei que sozinha é difícil, você controlar 30 e poucos alunos em uma aula prática, mas eu faço muito na sala de aula, atividade prática, utilizo cartazes, eu uso tudo que é possível dentro das condições da escola e minha e dos alunos.*

Fernanda: A sua graduação foi importante na sua formação de professora alfabetizadora? Ela contribuiu para sua prática de ensino?

Professora Jasmim: *Contribuiu, todos os ensinamentos sempre contribuem de alguma forma, alguma coisa você pode inovar, alguma coisa faz você mudar o seu pensamento, muda suas ideias, muda suas estratégias, suas metodologias.*

Tais experiências tocaram a professora Jasmim e a transformaram na mãe, filha, tia, irmã, mulher, professora e pesquisadora. Uma professora com duas graduações em Normal Superior e Ciências Biológicas, especialista em Psicopedagogia e Metodologia do Ensino de Biologia. Compartilho os escritos de Larrosa (2022, p. 28) sobre o sentido da experiência para o sujeito: “[...] é aquilo que ‘nos passa’, ou o que nos toca, ou o que nos acontece, e, ao nos passar, nos forma e nos transforma”. Nessas experiências, Jasmim se constituiu e conseguiu dar continuidade em sua formação inicial a nível de graduação e formação continuada a nível de especialização.

É interessante dizer que há algum tempo ela não tem utilizado somente o método silábico, tendo em vista os múltiplos níveis de aprendizagem da turma. Com as crianças do 4º e/ou 5º ano, ela usou três metodologias diferentes, e alfabetizar crianças no 2º ciclo do Ensino Fundamental I tem possibilitado à professora Jasmim as marcas do estranhamento e evidenciado a fragilidade do ensino-aprendizagem nos primeiros anos e dos próprios sistemas de avaliação.

No contexto de alfabetizar crianças no 2º ciclo do Ensino Fundamental I, a professora Jasmim subverteu o plano anual de ensino estabelecido no Referencial Curricular Amazonense (RCA) referente ao 4º e 5º anos. Ela deixou de trabalhar os objetos do conhecimento e as habilidades específicas desses anos para atender as necessidades das crianças que apresentaram dificuldades em relação à leitura e à escrita. Sua atitude em alfabetizar crianças inseridas em turmas do 5º ano demonstrou seu comprometimento com a aprendizagem da turma, refletindo em suas práticas de ensino. Nessa subversão, a professora precisou fazer uso da cartilha, do método silábico e de atividades diferentes para trabalhar a leitura e a escrita em outros contextos e com sujeitos outros.

Nas suas escolhas, a professora Girassol criou outras possibilidades para poder cursar sua especialização em Psicopedagogia na mesma universidade que fez sua graduação. Nesse momento, ela conseguiu ajudar nas despesas, descortinou novas estratégias e percorreu outras trilhas para experimentar outros caminhos sem perder a essência. “*Eu levava bombom e peças íntimas para vender na faculdade*” (Girassol, setembro de 2023).

As narrativas das professoras “[...] não constituem o passado em si, mas sim aquilo que os/as informantes continuamente (re)constróem desse passado, como sujeitos dos discursos que lhes permitem significar suas trajetórias escolares de determinados modos” (Andrade, 2012, p. 176). A discussão de Andrade (2012) sobre as narrativas, indicou que as experiências no contexto da alfabetização, narradas pelas professoras, oportunizaram ressignificar práticas de pesquisa e o que ouvi nos seis momentos de escuta. Continuando com a fala de Girassol (setembro de 2023), eu ouvi: “*Então eu saí da Educação Infantil e fui trabalhar com uma turma multisseriada, no interior de Coari, a escola era debaixo de uma mangueira que se contemplava com o rio, os barcos passando, as canoas, os pássaros, os botos, os pescadores e eu dando aula naquele contexto, onde já era quadro de giz?*”.

Em contextos diferentes, realidades outras, enfrentamentos complexos e outras aproximações, a professora viveu e produziu história na escola particular e na escola do campo. Esse

deslocamento provocou um impacto grande, “quando eu cheguei na escola tinha um quadro, as cadeiras, a árvore, o rio, as casas, foi uma experiência diferente, as pessoas também me acolheram bem, a comunidade foi muito acolhedora” (Girassol, setembro de 2023).

A professora passou um ano trabalhando nessa realidade ribeirinha com uma turma multisseriada, ela deu entrada na Secretaria Municipal de Educação do município de Coari solicitando sua remoção para a cidade. Na zona urbana, ela continuou trabalhando com as séries iniciais. Em 2008, ela fez o concurso público da SEDUC de 40 horas, permanecendo somente com essa carga horária. Desde então tem se dedicado a exercer a docência no 1º ciclo do Ensino Fundamental I na SEDUC, turmas de alfabetização. Sobre nossa conversa, conforme ia tomando conhecimento de sua história, vieram as seguintes respostas:

Fernanda: Você sentiu diferença?

Professora Girassol: *Foi uma diferença muito grande, mas eu só tenho a agradecer, lá o Juscelino Kubitschek, a minha amiga, nós estudamos a graduação, a pós-graduação e foi através dela que eu fui fazer esse trabalho voluntário na escola para poder me contratar, porque quem não tem experiência, ninguém quer contratar, o bom que eles gostaram do meu trabalho e eu aprendi muito com ela, então toda estrutura de eu pegar uma escola, uma sala e colocar tudo que contribuía para o aprendizado da criança como ilustração visual e cartazes, eu aprendi lá, foi o impacto muito grande, quando eu cheguei na escola da comunidade só tinha um quadro e as cadeiras, a árvore, o rio, as casas da comunidade, foi uma experiência muito boa e as pessoas também que me acolheram bem, a comunidade foi muito acolhedora.*

Fernanda: Na comunidade ficou quanto tempo ainda, trabalhando?

Professora Girassol: *Eu fiquei pouco tempo, trabalhei até junho de 2007, quase um ano, de lá consegui remoção para Coari, foi um ano praticamente, porque o calendário é diferente da zona urbana, lá temos mais folgas, porque tem as questões do clima, às vezes não tem merenda, pouco tempo eu vim para cá, aqui eu já trabalhei em várias escolas municipais e estaduais, já substituí alguns professores. Então cada lugar que eu passei foi um aprendizado. Cada escola a gente vai aprendendo com as pessoas.*

Fernanda: Você falou que saiu de uma escola particular e vem para uma escola ribeirinha, certo. Relate como foi essa mudança na sua prática de alfabetização da escola particular para uma escola ribeirinha.

Professora Girassol: *Foi muito diferente, na escola particular tinha todo aparato, o que você quisesse na escola, tinha. No particular eu trabalhava na educação infantil e na escola ribeirinha eu trabalhava na antiga 4ª série. Foi um impacto. Como já tinha experiência na educação infantil e eu ouvia as colegas, tinha um pessoal muito dinâmico, eu perguntava muito, e trocávamos figurinhas, eu sou muito curiosa, nesse período de estágio eu não fiquei só na educação infantil eu fui passeando, passei o ano trabalhando como voluntária, mas eu trabalhei em várias turmas. Então adquiri conhecimento em outras modalidades de ensino, e quando soube que ia trabalhar com 4º ano, entrei em contato com a minha amiga, sobre material que pudesse me auxiliar.*

Fernanda: E essa quarta série eram apenas alunos de quarta série ou era multisseriado.

Professora Girassol: *Era multisseriado, porque agora é dividido, mas antes nós trabalhávamos todas as disciplinas e tinha crianças com vários níveis de aprendizagem, até aqui, agora mudou o sistema é ciclo, mas na verdade a gente continua trabalhando multisseriado, só que as disciplinas são menos, trabalha só português e matemática.*

Fernanda: Quando retorna para a cidade, você volta a trabalhar com a educação infantil?

Professora Girassol: *Não, eu continuo trabalhando com as séries iniciais, quando eu voltei para a cidade eu trabalhei com a 2ª série, que hoje é o 3º ano. Depois fui trabalhar no estado, mudou já era 2º ano do 1º ciclo. A minha primeira experiência nessa escola, foi em 2008 quando eu vim para trabalhar com duas turmas, como faltava professores para fechar a lotação e era início do ano, eu estava recém chegada do processo seletivo, era contratada e precisava trabalhar, “sim senhora, sim senhora” trabalhei nessa sala aqui que é a sala de projetos com 2 turmas juntas, eu passei vários meses, mas até não tinha problema, estava toda empolgada, ainda sou empolgada, mas não tinha tanto problema de garganta, mas consegui dar conta, até que veio outro professor e separou a turma, e ficou bem melhor de trabalhar.*

Nas entrevistas, meus ouvidos estavam atentos para ouvir cada detalhe, aquilo de relevante que a entrevista narrativa me proporcionou ao retomar as lembranças das docentes alfabetizadoras. Entretanto, ouvi aquilo que me tocou, porque também remeteu à minha prática docente e às minhas memórias de um passado que se identifica nas falas das professoras marcadas pelas múltiplas vozes que aqui se encontram.

Argumento que as implicações desta investigação e de suas análises “[...] reside na representação de diferentes vozes, sendo assim, no encontro de diferentes perspectivas culturais e sociais” (Andrade, 2012, p. 180). É interessante entender que essas vozes não se restringiram a descrever fatos, mas incluíram aproximar sujeitos, identidades, culturas e visibilizar as relações dos sujeitos com e sobre seu contexto.

Estar na escola com as professoras alfabetizadoras, espaço contínuo de ambivalência e marcado por diferentes saberes, ajudou-me a perceber, de forma empírica, as diferentes formas de alfabetizar sujeitos, os modos de ser e estar na escola e como o diferente se constitui no contexto da alfabetização. Na sua narrativa, a professora Girassol demonstrou que a sua transitoriedade na docência lhe permitiu experienciar coisas atravessadas pelo tempo, capaz de produzir, segundo Hall (2020, p. 11), um sujeito “[...] pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente”.

O conceito que Hall (2020) nos apresenta sobre a produção do sujeito foi articulado pela subjetividade das professoras para demonstrar o interior de cada pessoa e, segundo Alves e Pinto (2023, p. 376), “[...] colocar em xeque a intimidade do indivíduo”. Entendi que esse processo é “inacabado, incompleto e de uma transformação constante, de ressignificação, articulação [...]” (Alves; Pinto, 2023, p. 376), sobretudo de escolhas constantes.

O deslizar, além de criar a possibilidade de viver nas fronteiras, constituiu também articulações dessas identidades dos sujeitos pesquisados e da pesquisadora, neste caso, das professoras alfabetizadoras e minhas, para produzir “[...] outros e novos significados por meio das relações que as constituem, seja na escola, na família, nos grupos de amigos” (Alves; Pinto, 2023, p. 378). Essas articulações permitiram uma análise dos seus processos identitários, deslocando-os para outros discursos sobre a cultura da alfabetização com novos significados sociais e historicamente construídos.

Fernanda: Conte-me sobre suas práticas de alfabetização, você utiliza um método específico para alfabetizar as crianças?

Professora Girassol: *Já me fizeram essa pergunta, foi do nosso colega (o que eu fazia para alfabetizar) eu procuro trabalhar de tudo um pouco, eu gosto muito de trabalhar a partir de palavras geradoras, eu não sei se é da Emília Ferreira, eu não sei o nome do ator porque confesso que eu não sei. Vou trabalhar isso aqui porque tal autor trabalha ou defende esse método, eu trabalho vários, eu trabalho palavra geradora, inclusive a que eu estou trabalhando agora estou achando que está surtindo efeito na aprendizagem das crianças, eles estão aprendendo, a palavra TOMATE, você vai trabalhar a família do T e vai trabalhar a família do M, então eles não estudar duas famílias ao mesmo tempo, isso é para que, tipo assim, para correr contra tempo nessa parada toda, eu estou trabalhando assim depois que voltamos da greve eu estou trabalhando com as palavras geradoras.*

Fernanda: Você sempre trabalhou assim?

Professora Girassol: *Sempre trabalhei assim a partir da palavra geradora, eu trabalho palavras geradoras, trabalho vários métodos, eu gosto de trabalhar também muito com atividades como caça palavras que ajuda, cruzadinhas também, então são várias atividades que eu faço.*

Fernanda: Essas palavras geradoras geralmente é você quem escolhe ou é a turma?

Professora Girassol: *Sou eu quem escolho, nós estamos trabalhando a família do T, na família do T tem vários desenhos, eu coloco o desenho do tomate e coloco a família embaixo e depois eu trabalho a separação de sílabas, juntar as sílabas também, circular a família do T, circular o T maiúsculo, o T minúsculo, exploro o número de letras, de sílabas.*

Fernanda: As figuras que você fala estão relacionadas ao tomate ou aos outros desenhos?

Professora Girassol: *Ao tomate, coloco a figura do tomate, faço o desenho, não fica bonito (risos) eu faltei aula de arte (risos) coloco o desenho do tomate, depois escrevo a família embaixo, coloco também palavras que começam com TA, palavras que começam com o TE, palavras com TI, TO, TU, e as outras atividades que vem sempre que tenha a letra T. Faço a leitura, faço eles repetirem várias vezes, outra coisa que é muito bom para trabalhar é todos os dias fazer leitura, como é primeiro ano, das vogais, das junções, do alfabeto, lê o alfabeto em sequência, lê de trás para frente, lê salteado e depois as famílias silábicas.*

Girassol narrou sua inserção na docência e no contexto da alfabetização ao mesmo tempo em que se constituía professora alfabetizadora. No enredo das narrativas de Girassol, foi possível perceber que ela usou o tradicional método de alfabetização, a saber: o método silábico. Os modos como

a professora foi alfabetizada constituíram os modos como ela alfabetizou em tempos diferentes e com outros sujeitos. Suas narrativas também produziram modos de ser alfabetizadora pertencentes de uma negociação complexa que abarca cultura, história, saberes, crenças, escolhas e o próprio processo histórico dos métodos de alfabetização passado de geração em geração na cultura escolar.

Uma das formas de perceber o modo como ela alfabetizou foi a referência feita das famílias silábicas exploradas a partir de palavras geradoras por meio da memorização, o que dimensionou que os tradicionais métodos de alfabetização foram escolhas de ferramentas para traçar os modos de alfabetizar crianças no ano de 2023 articulados com as estratégias de ensino. Observei, ainda, que a professora considerou importante trabalhar o lúdico na alfabetização, mensurando o aprender brincando.

Paulo Freire (1987) é o defensor das “palavras geradoras”, palavras essas que fazem parte das vivências dos sujeitos, de sua realidade e da prática de vida dos alunos e alunas trabalhadores(as), pais, mães. As palavras geradoras foram utilizadas por Freire para alfabetizar jovens e adultos na década de 1960, sua metodologia foi considerada inovadora, libertadora e não mecânica, dimensionando outra forma de alfabetizar e que tem permanecido no tempo histórico da alfabetização.

O objetivo da palavra geradora, segundo Freire (1987, p. 8), é buscar “[...] novas palavras, não para colecioná-las na memória, mas para dizer e escrever o seu mundo, o seu pensamento, para contar sua história” a partir da perspectiva do sujeito que aprende. Esses movimentos escolares foram intensificados na educação até chegar no contexto da alfabetização com crianças dos anos iniciais.

Fernanda: Você acha que a memorização ajuda?

Professora Girassol: *Ajuda, penso que não é nem memorizar, eles aprendem a sequência de todo dia repetir, repetir, repetir, eles aprendem a família e depois que aprender a família já consegue formar as palavras. No caso que eu estou trabalhando no 1º ano, eles já estão formando palavras simples, porque eles leem os cartazes, o silabário, eu vou mostrando a família e eles vão formando as palavras e já conseguem formar palavras de até três sílabas. Não são todos, mas alguns alunos já estão conseguindo ler palavras de duas e três sílabas.*

Fernanda: E os alunos que não conseguem, como você faz?

Professora Girassol: *Para esses alunos eu vou para caderno, leitura individual do alfabeto, da família silábica, eu chamo para fazer leitura eu e ele com as fichinhas de leitura, coloco no caderno também, os que ainda não conseguem escrever do quadro, a maioria já consegue tirar do quadro, só que nós começamos depois do recesso, estamos trabalhando a letra cursiva, a criança já identifica o bastão, quando o passa a cursiva até ele se adaptar a identificar, requer um tempo, outra coisa, para trabalhar quando coloca a letra lá no início alfabeto por alfabeto, agora já estamos trabalhando as famílias silábicas, tem que colocar logo as quatro formas de escrita, para eles ter acesso e aprenderem os quatro tipos de letras. Gosto de usar as apostilas.*

Fernanda: Fazendo uma avaliação de quando você iniciou na alfabetização a sua prática de ensino em sala de aula para hoje, como você avalia sua trajetória?

Professora Girassol: *Na verdade, vai mudando, se eu fosse continuar sendo como iniciei, eu não estaria experimentando coisas novas, eu não consigo usar as mesmas coisas, até porque cada ano vai inovando, e o professor não pode ver o material que ele quer, eu sou assim. Todo ano eu compro material, uma coisa nova, uma coisa diferente, tem alunos que estão lá no quarto ano que tem irmão lá na minha sala e passar a mesma coisa, não. Todo ano vai inovando, tanto nos materiais, quanto na prática, a maneira de ensinar também. Os jogos contribuem muito nesse processo, não é brincadeira, é aprender brincando, o lúdico é importante, principalmente nessa fase que eles são crianças de 6, 7 anos, é muito interessante para eles essa questão do lúdico, vai ficar na memória, aprender brincando.*

Transcrevo agora um diálogo com a professora Violeta sobre suas experiências no contexto da alfabetização, os caminhos percorridos, suas escolhas metodológicas, estratégias de ensino e métodos de alfabetização. As mudanças experimentadas pela professora Violeta a transformaram em alfabetizadora e, com essas experiências, ela conseguiu adquirir segurança para se manter firme na docência.

Nossas conversas foram extensas, pois nas entrevistas mantivemos diálogos duradouros, e com a professora Violeta não foi diferente. Do acaso, Violeta relatou a sua experiência com a docência no contexto de zona rural de Coari com uma turma da EJA. Na cidade, ela circulou mais uma vez por caminhos desconhecidos para se aproximar da alfabetização. Nesses caminhos, ela encontrou o sentido da docência e percebeu, por meio de sua participação em oficinas pedagógicas voltadas ao processo de alfabetização, a possibilidade de se (re)descobrir como professora alfabetizadora.

A falta de conhecimento sobre a docência e, principalmente, sobre alfabetizar sujeitos, permitiu à professora Violeta outros enfrentamentos marcados por outras trajetórias significativas nas práticas educacionais que a produziram como sujeito social. Quanto mais a professora tinha contato com a área da alfabetização, por meio de encontros pedagógicos, das relações com outros(as) professores(as), das trocas de experiências e dos ensinamentos educacionais, mais suas identidades “[...] se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicas e parecem flutuar livremente” (Hall, 2020, p. 43) para ela enxergar de outros jeitos o processo da alfabetização.

Fernanda: Como que é o seu dia a dia em sala de aula com as crianças?

Professora Violeta: *A minha rotina, eu faço a oração, como já temos mais afinidade, as crianças já conhecem os tempos de aula, os horários de cada professora, elas já sabem que cada dia nós temos um horário para estudar matemática, pega o caderninho depois da oração, a gente já vai fazer o cabeçalho, nesse cabeçalho que eles estão copiando, eu estou fazendo a chamada, eu aproveito que eles estão concentrados na cópia do cabeçalho, escrevo no quadro, faço a explicação para eles, só que nem todas as atividades elas são iguais para todos, tem aqueles que ainda não conseguem copiar bem do quadro, eles enrolam muito para fazer, copio a atividade no caderno, tem outras crianças que já estão bem avançadas, elas já não precisam mais que eu escreva no caderno, elas copiam muito rápido, já tem que ter uma outra atividade enquanto elas vão terminando, é tipo assim três níveis de conhecimento, é terrível.*

Fernanda: Qual(is) prática(s) de alfabetização você utiliza para atender os diferentes níveis de escritas?

Professora Violeta: *Então, eu não utilizo apenas um método de alfabetização, tem as crianças que estão na coordenação motora, vou trabalhar a coordenação motora com esses, mesmo que já escrevam algumas palavras simples, mas eu procuro incentivá-los a melhorar, para ter a noção da linha, do espaço, tem crianças que estão perfeitas, estão com a escrita avançada, não precisa mais ficar com esse cuidado, ela já vai, ela já sabe onde termina, onde começa, já tem essa noção e tem outras que não.*

Fernanda: E a leitura das crianças?

Professora Violeta: *Também, a leitura vai em níveis diferentes, praticamente de acordo com a escrita, mas não de uma forma generalizada, tem crianças que não escreve, mas não é porque não saiba é porque ela não quer realmente, fica enrolando, enrolando, são rara as vezes que elas concluem alguma atividade que está no quadro, mas, porém, elas até sabem ler algumas letras, sílabas, tem umas que sabem ler textos, mas não escrevem, não sei o que acontece, se é falta de coragem.*

Fernanda: Quais os materiais didáticos que você costuma usar nas suas aulas?

Professora Violeta: *As fichinhas de leitura, o alfabeto móvel, as fichas de leitura e aquelas pequenas fichas com palavras, e as fichas com textos maiores para as crianças que já leem textos, apostilas, procuro diversificar, além de fazer a leitura, elas fazem a cópia, tem alunos que não conseguem escrever a letra cursiva, não conseguem transformar a letra de imprensa na letra cursiva, não costumo usar jogos didáticos porque eles são muito agitados (turno vespertino) e a turma é lotada, bastante criança, já a turma da manhã eles já são lentos, trabalho com atividade diferenciada, procuro fazer trabalho em duplas, tento aproximar os níveis de aprendizagem.*

Fernanda: Quanto tempo você já está atuando como professora?

Professora Violeta: *Uns 10 anos ou mais.*

Mortatti (2006, p. 14), em seu artigo intitulado “História dos métodos de alfabetização no Brasil”, menciona que no processo de alfabetização não podemos dispensar o uso dos métodos, mas que eles não são os únicos e nem o mais importante quanto às muitas outras questões envolvidas nesse processo multifacetado, “[...] que vem apresentando como seu maior desafio a busca de soluções para as dificuldades de nossas crianças em aprender a ler e escrever e de nossos professores em ensiná-las”.

Dentre essas outras questões está a escrita, uma das habilidades que precisa ser desenvolvida no contexto da alfabetização e não pode ser vista como um traçado e a organização no espaço da folha. Diferente da fala, a aprendizagem da escrita não é um processo natural, as crianças precisam ser colocadas em situações reais de reflexão do sistema de escrita, com atividades em que elas possam “[...] construir procedimentos de análise e encontrar formas de representar graficamente aquilo que se propõe a fazer” (Weisz, 2014, p. 164).

Fernanda: Fazendo uma comparação de quando você iniciou na docência para hoje?

Professora Violeta: *Hoje eu tenho segurança no que eu faço, eu tenho conhecimento do que eu faço, antes eu não tinha preparação, não fui preparada, fui colocada em sala de aula sem saber nada do que era a docência, eles contratavam avulso, no escuro, mas ainda bem que tivemos essa formação, eles contrataram e veio essa formação logo em seguida, foi assim muito rápido.*

Fernanda: Além da sua segurança, você vê uma outra mudança nesse sentido, tipo quando você iniciou, você agia de uma forma, hoje, pelo que você colocou, está agindo de uma outra forma.

Professora Violeta: *Sim, melhorou, eu ganhei confiança, porque no início me sentia insegura com relação a conversar, em chamar atenção de alguém, hoje não, hoje eu tenho segurança e mesmo no que eu estou falando, antes não, eu tinha até medo de chamar atenção de alguma criança, tem a questão do pai, tem que saber falar, tudo isso é uma segurança que eu ganhei com o tempo.*

Fernanda: Como você percebe o trabalho de alfabetização?

Professora Violeta: *Eu vejo a alfabetização como um processo que não se finda ao terminar o primeiro ciclo e nem o segundo ciclo. Eu vejo que os alunos que vão mal no Ensino Fundamental eles tendem a migrar para a EJA, muitos desses alunos que não conseguiram bons resultados vão para a EJA, não sei se eu estou errada. Por que não terminou os estudos, por que não conseguiu, porque aconteceram várias situações e essa pessoa, essa criança ficou para trás. O processo para aprender a ler e escrever é muito complexo para eles, principalmente quando passou da fase, é isso, passou da fase de aprender, o estímulo natural mesmo, já não consegue, mas assimilar, passou daquele período, a criança vai crescendo, vai pensando diferente, já tem outro foco, já tem outro objetivo, já pensa em outras coisas, a leitura e a escrita já deixam de ser significantes para ele. Eles não conseguem compreender que a leitura e a escrita é um processo social que eles dependem da leitura escrita para viver socialmente, o quanto eles são importantes para a vida.*

Percebi na fala da professora Violeta uma impactante e reveladora inquietação ao narrar sobre a relação estabelecida entre escola e família, que, segundo a professora, tem afetado negativamente no aprendizado das crianças e causado um desconforto na continuidade do ensino. Pontuo que tais relações também estavam presentes nas conversas com as demais professoras, evidenciando, segundo elas, resultados preocupantes na formação inicial da criança referente à leitura e à escrita.

Encontrei na fala das professoras um espaço onde fiz uma análise de diferentes situações, recortadas das gravações e das minhas anotações daquilo que ouvi delas. Nas narrativas foram priorizadas “interações, observações, conversações e intervenções” (Andrade, 2012, p. 180) que me permitiram permanecer na presença de vários recortes de identidades outras e diferenças múltiplas. Essa análise operou como rasuras metodológicas que, segundo Santos e Alves (2023, p. 1), são ferramentas que possibilitam ao(a) pesquisador(a) “[...] desviar de caminhos fixos, de olhares naturalizados cristalizados sobre os sujeitos que pesquisamos e com quem pesquisamos”.

Satisfeita com a sua trajetória na educação, Acácia, que não se imaginava nessa condição de professora, pelas circunstâncias da vida ela circulou pela EJA, pelo Ensino Fundamental I, pela alfabetização e ainda experienciou atuar como gestora escolar. Como afirma Hall (2014, p. 110), “[...] toda identidade necessita daquilo que lhe ‘falta’ [...]”. Nesse caso, Acácia não resistiu e assumiu outras posições de sujeito para viver outras travessias, outras experiências. Pensei e trouxe os escritos de Larrosa (2022, p. 48) sobre o sentido da experiência, quando ele diz que “[...] a experiência é a que forma, a que nos faz como somos, a que transforma o que somos e o que converte em outra coisa”, em outro sujeito e identidades outras.

Com a mesma perseverança na Educação de Jovens e Adultos no início da docência, Acácia continuou no Ensino Fundamental I. Sua luta continuou, ela desafiou o novo e mergulhou nas possibilidades da profissão, seja em sala de aula como professora ou na parte administrativa como diretora escolar. São estratégias sutis que foram inseridas nas produções de sujeitos outros. Nosso diálogo seguiu de forma deslizante:

Fernanda: Quando trabalhava na 4ª série, você tinha alunos que estavam em processo de alfabetização?

Professora Acácia: *Sim. Já existia essa realidade porque eu sempre trabalhei em escolas de periferia, então vem de uma realidade diferente. Atendemos alunos e famílias que moram em flutuantes, de comunidades ribeirinhas, próximas da escola, a demanda é carente.*

Fernanda: Como você percebe as práticas de alfabetização?

Professora Acácia: *Olha mudou muito, porque teve muitas mudanças, veio a tecnologia, o telefone contribui muito porque você pesquisa, tem muitas ideias que você pode aplicar na sua sala de aula que contribui realmente para o desenvolvimento educacional das crianças.*

Fernanda: Sobre teu fazer docente, você tem utilizado um método específico de alfabetização?

Professora Acácia: *Eu não uso só um método, eu procuro verificar os níveis de aprendizagem da turma e de acordo com a necessidade de cada aluno aproximo os níveis para trabalhar métodos diferentes.*

Fernanda: Então, você não se prende a um método?

Professora Acácia: *Não, vou de acordo com a necessidade das crianças seus níveis de aprendizagem para fazer minha interferência.*

Fernanda: Você acha que a utilização de um método específico engessa a alfabetização? Engessar no sentido de que é só aquilo e pronto.

Professora Acácia: *Eu acho que não. Assim, porque geralmente os métodos eles dão a liberdade de você criar, você vai ter uma sequência, mas você pode reutilizar, abrir mão de outros procedimentos, porque sabemos que tem alguns professores que só trabalha daquele jeito e pronto, não sabe olhar para os lados e perceber o que de bom está acontecendo, não muda suas estratégias, tem professor que é apenas o pincel e o quadro, ele não usa um recurso tecnológico, não usa o material concreto, não usa figuras, fichas, coisas que vem para contribuir no processo de alfabetização.*

Fernanda: E quais são os materiais didáticos que você utiliza nesse processo de alfabetizar crianças?

Professora Acácia: *Bem, além do livro didático, eu gosto muito de utilizar os materiais concretos, jogos que vou criando, construindo e produzindo com as crianças, com a participação delas. Mesmo sendo pequenos, elas vão recortando, vão fazendo, vão colando porque para elas é bem melhor, tem outro significado.*

Quando a professora Acácia narrou sobre suas práticas de ensino, ela demonstrou o modo como ela alfabetizou e como ela produziu essas práticas com as crianças, destacando o uso da tecnologia e a importância de verificar os níveis de aprendizagens da turma para trabalhar a alfabetização com métodos diferentes. À medida que ela usou os tradicionais métodos de alfabetização, ela conseguiu ressignificar seu fazer docente a seu modo e do seu jeito. Passou a produzir, junto com as crianças, jogos didáticos (re)utilizando materiais concretos, dando outro sentido para quem produziu e com quem produziu, neste caso, as crianças e a professora.

A narrativa da professora Acácia apontou para novas e diferentes identidades. Dessa forma, a identidade torna-se também ajustável e flexível, pois agora o importante não é possuir e assumir uma identidade, mas sim poder experimentar outras. Assim, temos identidades, no plural, para determinar o sujeito social, uma vez que se a identidade é agente social, isso implica que as relações sociais e seus sujeitos flutuam em uma liquidez, para não se deixar fixar-se, mas nadar a favor da corrente e deixar ser levado pelo fluxo social.

É interessante entender que tal movimento de contextualizar indivíduos me permitiu dialogar com outras possibilidades para perceber outros modos de produção da identidade do sujeito contemporâneo. Nesse “jogo de identidades” (Hall, 2020, p. 15), surgiu a maternidade na vida da professora Acácia, para ela subverter e negociar suas relações e suas decisões de vida e profissional.

Fernanda: E depois que você foi mãe, interferiu alguma coisa no seu trabalho? Nesse momento, eu estou conversando com a Acácia professora, como você conseguiu conciliar a professora Acácia com a Acácia mãe?

Professora Acácia: *Bem com a Acácia mãe quando eu comecei e quando surgiu ser mãe foi até melhor, comecei a buscar outros métodos, comecei a pensar que eu não gostaria que alguém fizesse mal a meu filho, então eu comecei a fazer com meus alunos o que eu gostaria que fizessem com meu filho, foi um período bom porque eu tive o primeiro filho atuando na gestão escolar, eu podia acompanhar ele, ter aquele contato maior.*

Fernanda: Você já foi gestora?

Professora Acácia: *Já, 13 anos de gestão.*

Fernanda: Como foi sua experiência?

Professora Acácia: *Bem foi muito boa, comecei na creche, passei uns 5 anos na creche, fui para escola de Ensino Fundamental I, é bom por conta dos desafios como qualquer uma outra profissão, mas é uma coisa boa apesar de todas as cobranças.*

Fernanda: Nessa época que você atuou na gestão, como você percebeu o papel do professor alfabetizador?

Professora Acácia: *Assim tem professor e professor, tem aquele professor que aceita a ideia de buscar, pesquisar e usar outros meios e outros não, eu aprendi assim, eu vou ensinar assim, e pronto a sala é minha, e se fecha.*

Fernanda: Mas com os professores que você conseguiu essa abertura, como foi?

Professora Acácia: *Fizemos um bom trabalho, inclusive a escola do Ensino Fundamental I, que eu estava na gestão, nós chegamos a ganhar décimo quarto e décimo quinto salário com a nota do IDEB dos alunos. Porque os índices aumentaram, ficou acima, mas foi um processo, foi trabalho em conjunto, desde o primeiro ano até o quinto, nós tínhamos um projeto chamado “De mãos dadas”. Todos os professores se uniram nos horários da HTP para ajudar os alunos com dificuldades, foi tipo reforço escolar, que era para poder no dia da prova o aluno sair melhor. Independentemente de ser professor de português ou matemática todos abraçaram a causa, foi uma experiência boa, experiência boa quando todo mundo se ajuda em busca de um objetivo.*

A professora Acácia assumiu várias identidades, e foi nesse jogo de identidades que ela conseguiu transitar, vivenciar, negociar, produzir, construir e desconstruir a si mesma e os sujeitos outros. Nesse processo contínuo e fluido, o importante não é produzir invenções acerca do outro, frente a diferença, mas entender como o diferente é produzido. Assumir a identidade de mãe para Acácia, de certo modo, foi uma ruptura naquele momento de sua vida, que lhe proporcionou viver outras experiências como diretora escolar e perceber a alfabetização com outros olhos.

Aliás, encontrei também nas narrativas das professoras Rosa, Hortênsia e Acácia, olhares outros sobre a alfabetização quando elas assumiram a posição de Auxiliar Pedagógico, Apoio Pedagógico e Diretora Escolar, respectivamente, em determinados momentos de suas vidas. Rosa na escola ribeirinha, Hortênsia em duas escolas no contexto de zona urbana de Coari e Acácia em escolas da rede estadual de ensino.

Esses múltiplos olhares presentes nas narrativas das professoras Rosa, Hortênsia e Acácia apontaram-me para a postura do(a) professor(a) alfabetizador(a) no contexto da alfabetização por meio das relações com seus pares que elas estabeleceram fora de sala de aula. Percebi, no que foi dito por elas, a presença da submissão e da subversão dentro do processo de ensinar a ler e a escrever.

Submissão quando elas presenciaram discursos de professores(as) sobre os modos de ensinar, professores(as) que se fecharam diante de outras possibilidades, de outras metodologias e de outras estratégias de ensino, discursos que foram produzidos nas relações de poder e assim foram constituindo os modos como eles(as) olharam a escola, a sala de aula e seus alunos e alunas. Encontrei a presença da subversão quando Rosa, Hortênsia e Acácia perceberam nos(as) professores(as) que dividiram com elas o mesmo espaço de conhecimento, outro jeito de olhar e perceber o processo de alfabetização, pensaram a diferença para buscar outros meios de ensinar, outras metodologias que pudessem ampliar o conhecimento das crianças, ou seja, tentaram, de alguma forma, seguir outros caminhos, outros movimentos escolares para ressignificar suas práticas de alfabetização.

Encontrei, ainda, a subversão nas narrativas das professoras Hortênsia e Jasmim, quando elas olharam de outra forma as crianças inseridas no 2º ciclo do Ensino Fundamental I. Elas pensaram a diferença posta nos níveis de aprendizagens dos alunos e das alunas e realizaram um deslocamento dos objetos do conhecimento de língua portuguesa para trabalhar a alfabetização em contextos diferentes e com crianças maiores. As professoras Hortênsia e Jasmim olharam de outro modo o processo de alfabetização.

Nesse sentido, tenciono os escritos adotados por Soares (2021, p. 52), ao falar dos fatores que podem intervir na prática de alfabetizar sujeitos, “[...] afinal, quem alfabetiza não são os métodos, mas o(a) alfabetizador(a), sendo ele/ela quem é, com o uso específico que fez dos métodos e com tudo o que acrescenta a eles”.

Todas as professoras entrevistadas deixaram claro que não fazem uso de um método específico para alfabetizar. No entanto, encontrei rastros do método silábico nos recursos didáticos mencionados, como, por exemplo, o uso das cartilhas e das fichas silábicas. É interessante dizer que a

professora Jasmim foi a única alfabetizadora que mencionou o uso do método silábico. As alfabetizadoras enfatizaram a importância de trabalhar de acordo com os níveis de aprendizagem da turma. As atividades diferentes podem ser reconhecidas nas diferentes práticas que produziram os dados desta pesquisa.

As professoras Rosa, Hortênsia, Jasmim e Girassol mencionaram a utilização das cartilhas na alfabetização. Esse artefato cultural foi elaborado pelas professoras como material didático, assim como as apostilas citadas pela professora Violeta. Recorro a Trindade (2001, p. 36) para examinar e entender as cartilhas como “[...] artefatos que cristalizam de certa forma significados e representações de determinadas épocas e de diversos grupos em cada época”. As cartilhas não são apenas manifestações culturais, são artefatos produtivos, são práticas de representação, inventam sentidos que circulam e operam no contexto da alfabetização, onde o significado foi negociado dando outro sentido.

Rosa e Girassol nos direcionaram para a importância do lúdico em salas dos primeiros anos iniciais. Para as professoras, o aprendizado ocorreu com outro significado, outros estímulos, fomentando a idade da criança, assim como os jogos didáticos destacados pelas professoras Rosa, Girassol e Acácia. A professora Girassol fez uso das palavras geradoras articuladas às famílias silábicas. Vale lembrar que foram palavras selecionadas pela alfabetizadora.

Em todas as narrativas encontrei o uso de materiais didáticos das fichas de leitura, fichas silábicas, fichas de letras, fichas de palavras e cartazes. O livro didático foi utilizado pelas professoras Hortênsia e Acácia. Os recursos didáticos mencionados pelas professoras alfabetizadoras apontaram os modos como elas alfabetizaram a partir de suas escolhas, atitudes, valores e crenças articuladas com os discursos produzidos na cultura da alfabetização.

DAS CONCLUSÕES PROVISÓRIAS

Diante das possibilidades do pesquisar com as professoras alfabetizadoras do interior do Amazonas, as propostas metodológicas aplicadas durante a produção da dissertação de mestrado possibilitaram perceber que os dados produzidos junto a esse grupo de docentes foram articulados, neste caso, com as relações estabelecidas entre nós (pesquisadora e pesquisadas).

Propor discussões que articulem o campo metodológico com as narrativas presentes nesta escrita com o intuito de produzir outras possibilidades para perceber outros saberes/conhecimentos no contexto da alfabetização foram aproximações que vivenciei para pontuar e operar sobre os sujeitos e, sobretudo, tornar-me autora da própria produção acadêmica e dos meus modos de ser. Essa foi, enquanto professora e pesquisadora, uma difícil travessia e também de muitos aprendizados.

Foi difícil, pois exige rigorosidade na escrita e na articulação do campo teórico e metodológico, ao mesmo tempo em que permite uma leveza no comprometimento e nos coloca como sujeitos da pesquisa. Vivenciei o contexto pesquisado, experimentei os desafios nos modos de ser e estar na escola como professora alfabetizadora e pesquisadora, busquei nesta produção acadêmica articular e subverter conhecimentos, perceber outras narrativas, outras histórias, outras inquietações, outros modos de pesquisar e alfabetizar.

As narrativas apresentadas pelas professoras alfabetizadoras possibilitaram perceber que os modos como elas constituíram suas práticas de alfabetização foram negociados e suturados a partir das relações estabelecidas com seus pares, na formação inicial no contexto da alfabetização, e como elas subverteram os objetos do conhecimentos descritos no plano anual de ensino do 2º ciclo do Ensino Fundamental I para trabalhar a alfabetização em contextos e com sujeitos diferentes, constituindo suas identidades docentes.

Precisei caminhar com as narrativas das professoras alfabetizadoras para organizar e pensar a produção dos dados. Precisei aprender e, aprendendo, percebi que a análise das narrativas demonstrou que suas práticas de alfabetização foram produzidas pelas relações no contexto escolar, pelos caminhos percorridos durante a formação inicial no contexto da alfabetização, das suas aproximações durante o estágio em docência a nível de graduação, de suas experiências em sala de aula com as crianças e com seus pares.

Dos diálogos que presenciei, que gravei e ouvi, vi professoras atuantes, identidades construídas, articuladas e negociadas. Percebi que em seus processos de luta para se firmarem como

professoras alfabetizadoras, elas experimentaram os mecanismos de subversão. A utilização dos componentes curriculares referentes ao 1º, 2º e 3º anos do 1º ciclo, as atividades diferentes, bem como o uso do método silábico e das cartilhas para alfabetizar crianças do 4º e 5º anos do 2º ciclo foram estratégias de subversão das professoras para narrarem-se como sujeitos do contexto amazônico, demonstrando uma lacuna no processo de ensino-aprendizagem nos anos iniciais e nos próprios sistemas de avaliação.

“Se desfazer e, nesse processo, desfazer as estratégias metodológicas para produção, narração, descrição e análise de dados” (Santos; Alves, 2019, p. 139) foram aprendizados e possibilidades que encontrei no campo teórico e nos caminhos metodológicos na perspectiva de produzir outros olhares, viver por meio de outras vivências e por elas ser afetada para então perceber outros saberes docentes, outras práticas de alfabetização e outras identidades que circularam no contexto da pesquisa e com quem eu pesquisei.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rozane Alonso; PINTO, Antonia Fernanda Dutra Pinto. A formação dos professores/as alfabetizadores/as a partir do campo dos estudos culturais. *Revista EDUCAmazônia - Educação Sociedade e Meio Ambiente*, Humaitá, v. XVI, n. 2, p. 361-379, jul./dez. 2023.

ANDRADE, Sandra dos Santos. A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais pós-estruturalistas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 173-194.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

DALPIAZ, Altemir Luiz. *Eu estava no biotipo revistável: a construção de identidades docentes em Mato Grosso do Sul no período da redemocratização do Brasil*. 2018. Tese (Doutorado em Educação). Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco, 2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GONZÁLEZ REY, Fernando. *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Cengage Learning, 2015.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

KIRCHOF, E. R.; WORTMANN, M. L.; COSTA, M. V. Apontamentos à guisa de introdução. In: KIRCHOF, E. R.; WORTMANN, M. L.; COSTA, M. V. (org.). *Estudos culturais e educação: contigências, articulações, aventuras, dispersões*. Canoas: Ulbra, 2015.

LARROSA, Jorge. *Tremores: Escritos sobre a experiência*. 1. ed., 6. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). *Metodologias de pesquisa pós-crítica em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. História dos métodos de alfabetização no Brasil. In: SEMINÁRIO "ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM DEBATE". Brasília: Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, 2006.

PINTO, Antonia Fernanda Dutra. *Narrativas de professoras alfabetizadoras sobre as práticas de alfabetização produzidas no 1º ciclo do Ensino Fundamental I em Coari-AM*. (Dissertação de Mestrado). Humaitá: Universidade Federal do Amazonas, 2024.

SANTOS, Jonatha Daniel dos; ALVES, Rozane Alonso. A fabricação de resistências no cenário pós-colonial: entre subalternização e subversão. *Revista Entreideias*, Salvador, v. 8, n. 1, p. 125-142, jan./jun. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/25830>>. Acesso em: 24/04/2023.

SANTOS, Jonatha Daniel dos; ALVES, Rozane Alonso. Descolonização de nós mesmos e possibilidades de construir caminhos metodológicos bricolados. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 41, n.1 p. 1-17, jan./mar. 2023. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/85968>>. Acesso em: 22/04/2023.

SCARAMUZZA, Genivaldo Frois. *Pesquisando com Zacarias Kapiaar: concepções de Professores/a indígenas Ikolen (Gavião) de Rondônia sobre a escola*. Tese (Doutorado em Educação). Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco, 2015.

SOARES, Magda. *Alfabetização: a questão dos métodos*. 1. ed., 5. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

TRINDADE, Iole Maria Faviero. *A invenção de uma nova ordem para as cartilhas: ser maternal, nacional e mestra: queres ler?* Tese (Doutorado em Educação). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.

WEISZ, Telma. A aprendizagem do sistema de escrita: questões teóricas e didáticas. In: MORTATTI, Maria do Rosário Longo; FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva (Orgs.). *Alfabetização e seus sentidos: o que sabemos, fazemos e queremos?* Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Editora Unesp, 2014. p. 159-168.

WOODWARD, Kathryh. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CONTRIBUIÇÃO DOS (AS) AUTORES (AS)

Autora 1 – Participação ativa na produção, análise dos dados e escrita do texto.

Autor 2 – Orientadora.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.